



O verbo anafórico *fazer* em estruturas conformativas e em orações comparativas: variação linguística no português contemporâneo

The anaphoric verb *fazer* 'to do' in structures expressing conformity and in comparative clauses: language variation in contemporary Portuguese

Telmo MÓIA*

RESUMO: Neste trabalho, discute-se o uso do verbo anafórico *fazer*, usado isoladamente ou em combinação com o clítico demonstrativo *o*, formando uma locução anafórica complexa (possivelmente descontínua) *fazer+o*, em dois tipos de construções sintáticas, que apresentam propriedades gramaticais particulares, parcialmente comuns entre si: estruturas conformativas introduzidas pelo conector *como*, ou variantes suas como *tal como* (e.g. o Governo aumentou os impostos este ano, (tal) como já (o) tinha feito o ano passado), e orações comparativas (a indústria siderúrgica polui menos atualmente do que (o) fazia no passado; o Presidente da República promulgou mais leis este ano do que (o) fez o ano passado). É analisada a variação na forma da expressão anafórica, *fazer* vs. *fazer+o* (mas não e.g. *fazer+isso*, com pronome demonstrativo não clítico), que é específica destas duas construções de subordinação. São discutidos, de forma pormenorizada, os requisitos gramaticais que operam na formação de cadeias referenciais com o verbo *fazer*, nestas construções. Por um lado, observa-se que os mecanismos de formação de cadeias referenciais com o verbo anafórico *fazer* são frequentemente bastante complexos, envolvendo processos de “reconstrução do antecedente” a partir do material realizado linguisticamente nas estruturas matriz. Por outro lado, verifica-se que as cadeias anafóricas com *fazer*, que se associam tipicamente a um valor acional, expresso por um verbo acional na forma ativa no antecedente, surgem com alguma frequência associadas a valores e/ou formas distintos, porventura de aceitação não consensual entre falantes. Com efeito, as estruturas conformativas e as orações comparativas com o verbo anafórico *fazer* constituem uma área crítica da língua, sujeita a intensa variação, documentando-se com alguma frequência, no registo escrito, construções de em que os requisitos morfossintáticos e semânticos prototípicos não são observados (e.g. por uso de um verbo acional na forma passiva participial, ou por ausência de verbo acional no antecedente). São apresentados dados de corpora de texto jornalístico, predominantemente português, e bem assim de texto literário, para ilustrar e corroborar as análises.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *fazer*. Anáfora. Estruturas conformativas. Orações comparativas. Variação linguística.

* Doutor em Letras. Professor da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Linguística. Lisboa – Portugal. tmoia@letras.ulisboa.pt

ABSTRACT: This paper discusses the use of the anaphoric verb *fazer* ('to do'), used alone or in combination with the demonstrative clitic *o* ('it'), forming the complex (possibly discontinuous) anaphoric phrase *fazer+o*, in two types of syntactic constructions, with comparable grammatical properties: structures expressing conformity introduced by the connective *como* 'as', or variants of it like *tal como* 'such as' (e.g. *o Governo aumentou os impostos este ano, (tal) como já (o) tinha feito o ano passado* 'the Government raised taxes this year, as it had already done last year'), and comparative clauses (*a indústria siderúrgica polui menos atualmente do que (o) fazia no passado* 'the steel industry pollutes less nowadays than it did in the past'; *o Presidente da República promulgou mais leis este ano do que (o) fez o ano passado* 'the President of the Republic enacted more laws this year than he did last year'). The variation in the form of the anaphoric expression, *fazer* vs. *fazer +o* (but not e.g. *fazer+isso*, with a non clitic demonstrative pronoun), which is specific to these two subordinate constructions, is analysed. The grammatical requirements affecting anaphoric chains with *fazer* in these constructions are discussed in detail. On the one hand, it is observed that the mechanisms for building anaphoric chains with *fazer* are often quite complex, involving "antecedent reconstruction" from the linguistic material in the matrix structures. On the other hand, it is underlined that anaphoric chains with *fazer*, which are typically associated with an actional value expressed by an action verb in the active form within the antecedent, sometimes appear in sequences with different values and/or forms, whose acceptance is possibly not consensual among speakers. In fact, structures expressing conformity and comparative clauses with the anaphoric verb *fazer* represent a somewhat unstable and change-prone area of the language, where sequences without the prototypical morphosyntactic and semantic requirements (e.g. with an action verb in the passive participle form, or without an action verb, in the antecedent) emerge with some frequency in written texts. Data from corpora of (predominantly Portuguese) newspaper texts and of literary texts are used to illustrate and/or corroborate the analyses.

KEYWORDS: Verb *fazer* 'to do'. Anaphora. Conformity. Comparative clauses. Language variation.

Artigo recebido em: 18.12.2025

Artigo aprovado em: 13.04.2026

1 Introdução

O verbo anafórico *fazer*, que retoma expressões verbais (tipicamente da categoria SV)¹, representadas em itálico nos exemplos abaixo, surge normalmente acompanhado de elementos pronominais que representam sintaticamente o seu complemento direto: *o, isso, o que, o mesmo, a mesma coisa*, e afins. Começamos por ver dois exemplos com os demonstrativos *o* e *isso*:

¹ Como veremos melhor adiante, as expressões anafóricas com *fazer* podem retomar apenas parte de um SV, nomeadamente só o verbo, ou o verbo e parte dos seus argumentos e/ou modificadores – cf. e.g. (4).

- (1) O artista *aceitou o convite* e, ao **fazê-lo**, mudou o rumo da sua vida.
[= (*ao*) *aceitar o convite*]
- (2) Talvez fosse aconselhável *fechar o serviço*, mas não podemos **fazer isso**.
[= (*não podemos*) *fechar o serviço*]

O verbo *fazer* forma com esses elementos pronominais expressões anafóricas complexas, que não são processadas composicionalmente, mas funcionam antes com um todo inanalísável (e.g. *fazer+o*, *fazer+isso*, *fazer+o que*, *fazer+o mesmo*). Estas expressões complexas descontínuas são equivalentes entre si e estão muitas vezes (ainda que nem sempre) em variação livre. Por exemplo, *fazer+o* e *fazer+isso* são tipicamente intersubstituíveis, como se pode observar em (1), onde poderíamos igualmente ter *fazer isso*, e em (2), onde poderíamos igualmente ter *fazê-lo*.

As expressões *fazer+o mesmo* e a sua alternativa estilística *fazer+a mesma coisa* são equivalentes a *fazer+o* e *fazer+isso*, mas requerem um paralelismo predicativo com contraste entre pelo menos um argumento ou modificador nas duas proposições relevantes (como o que pode ser expresso por *fazê-lo também* ou *fazer isso também*), o que faz com que não sejam adequadas aos exemplos (1) e (2). Vejam-se os exemplos a seguir, com o contraste estabelecido entre sujeitos das duas frases, em (3), e entre sujeitos e complementos preposicionados (introduzidos por *com*), em (4):

- (3) Eu *falei com muita franqueza*, e ele **fez o mesmo**.
- (4) Eu *falei com muita franqueza* com a Ana, e ele **fez o mesmo** com a Rita.

São ainda de tipo afim as expressões formadas por *fazer* e o morfema-Q relativo *o que* (*fazer+o que*), por exemplo, em orações relativas livres, como em (5), ou em

estruturas clivadas, como em (6)². Trata-se de expressões tipicamente descontínuas com o elemento pronominal a preceder o verbo *fazer*.

- (5) O contabilista *enviou um relatório detalhado ao diretor*, **o que** já não **fazia** há algum tempo.
- (6) **O que** ele precisava de **fazer** era *responder com sinceridade*.

São deste mesmo tipo as expressões anafóricas com o morfema relativo *o que* explícito que ocorrem em estruturas de valor conformativo e anticonformativo:

- (7) O contabilista *enviou um relatório detalhado ao diretor* em maio, {à semelhança de / ao contrário de} **o que tinha feito** em janeiro.

Note-se que, na presença de morfemas-Q, não é canónica a utilização de *o* ou *isso*, gerando-se uma anomalia de duplo preenchimento do complemento direto (cf. e.g. Peres; Móia, 1995, p. 306-310), quando tal acontece:

- (5') O contabilista *enviou um relatório detalhado ao diretor*, **o que** já não {??**o fazia** / ***fazia isso**} há algum tempo.
- (6') **O que** ele precisava de {??**o fazer** / ***fazer isso**} era *responder com sinceridade*.

² São comparáveis as expressões formadas por *fazer* e os morfemas-Q interrogativos *que* ou *o que* (*fazer+(o) que*), com a diferença de que estas não são anafóricas, já que representam uma variável livre, não havendo antecedente, ainda que possam ser associadas a uma expressão referencial de tipo SV ou afim numa construção discursiva mais alargada (e.g. num par pergunta-resposta): *O que fez o Pedro? Falou com toda a franqueza*.

- (7') O contabilista *enviou um relatório detalhado ao diretor* em maio, {à semelhança do **que** / ao contrário do **que**} {**o tinha feito** / ***tinha feito isso**} em janeiro.

Trata-se de um aspeto curioso que mostra que o elemento pronominal, embora não seja processado semanticamente de forma autónoma, se comporta sintaticamente como um complemento direto (um argumento interno não preposicionado) nas frases em *que* ocorre. Isto é, o verbo anafórico *fazer* preserva tipicamente as suas propriedades-base de verbo transitivo direto (como salienta e.g. Reis, 2016, p. 130). É ainda curiosa a assimetria de comportamento entre a forma clítica *o* e a forma não clítica *isso*. A segunda é totalmente impossível nos contextos de duplo preenchimento acima; a primeira, sendo igualmente muito marginal (e não tendo abonações no CETEMPúblico ou no NILC/São Carlos), não é totalmente inédita e encontramos abonações esporádicas do seu uso em *corpora* mais extensos, como o Corpus Brasileiro, da Linguateca:

- (8) “Hoje, a igreja já não precisa *desempenhar o papel de guarda-chuva protetor dos direitos civis*, ao contrário do **que o fazia** durante o regime militar.”
(Corpus Brasileiro, Linguateca)

Há mais duas construções com o verbo anafórico *fazer*, que convém considerar separadamente e que serão objeto de análise central neste trabalho. A primeira são **estruturas conformativas³ com o conector *como***, que – sendo próximas

³ Sigo aqui Peres e Móia (2005) no uso do termo “estruturas conformativas” em vez de “orações conformativas”. Na tradição gramatical brasileira, as estruturas conformativas são classificadas como orações, nomeadamente como um subtipo de orações subordinadas adverbiais – cf. e.g. Cunha e Cintra, 1984, p. 585): “As [conjunções] CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal [e.g. *como ia dizendo, o seu raciocínio não está*”

semanticamente das estruturas com *à semelhança do que* e afins – se distinguem por não integrarem qualquer morfema-Q explícito, ainda que o envolvam de forma subentendida (*como Ø_{o que}*) na análise de alguns autores (nomeadamente, Peres; Móia, 1995, p. 353-357). Nestas construções, observa-se uma competição muito intensa entre *fazer* usado isoladamente e *fazer+o* (mas crucialmente não *fazer+isso*), sendo ambas as formas da anáfora extremamente comuns:

- (9) O contabilista *enviou um relatório detalhado ao diretor* em maio, como já **{(o) tinha feito / *tinha feito isso}** em janeiro.

A possibilidade de usar o verbo anafórico *fazer* isoladamente em conformativas, que não existe em nenhuma das construções que considerámos até aqui, poder-se-ia explicar pela presença implícita do morfema-Q *o que*, i.e. *fazer* equivale, nestas construções, a *fazer+Ø_{o que}*. A possibilidade de usar *fazer+o* (não intersubstituível com *fazer+isso*) poder-se-ia explicar por um processo de gramaticalização, em que, na ausência de *o que* explícito, *o* passa a saturar o argumento interno não preposicionado (complemento direto) de *fazer*.

A segunda construção são **orações comparativas**, de igualdade, introduzidas por *como* ou *quanto*, e de superioridade ou de inferioridade, introduzidas por *(d) o que* (precedido por *mais* ou *menos*, ou formas que incorporam o seu valor, como e.g. *maior* ou *menor*). As orações comparativas têm sido tratadas como construções de sintaxe paralela à das orações relativas, com os morfemas *como/quanto* ou *o que* a representar diretamente um constituinte com valor quantificacional de grau relativizado (cf. e.g.

certo]”. Porém, pelo menos algumas delas, nomeadamente as que integram o morfema relativo explícito *o que*, comportam-se claramente como SPs não oracionais, formados por um conector prepositivo seguido de um SN com um oração relativa livre (cf. e.g. *à semelhança do que já tinha acontecido; de acordo com o que estava previsto*). As estruturas com o conector *como*, que bloqueiam o uso de *o que* (ainda que se possa postular que ele está de alguma maneira implícito, como fazem Peres; Móia, 1995, p. 356), são as que estão mais próximo de um comportamento genuinamente oracional (cf. Lobo, 2013, p. 2029).

Bresnan, 1973; Hellan, 1981; Heim, 2000, e, para o português, Marques, 2004). Nestas construções, observa-se também a competição entre *fazer* usado isoladamente e *fazer+o* (mas não *fazer+isso*), como salienta Móia (2015), a que voltaremos adiante:

- (10) O atual Governo *controla os meios de comunicação de forma*
{*tão autoritária como / mais autoritária do que*} **{(o) fazia / *fazia isso}** o
anterior Governo.

Nestes casos, o que é mais difícil de explicar é a possibilidade de poder usar *fazer* isolado (i.e. intransitivamente, sem realização do seu complemento direto), mas a explicação passará provavelmente também por um processo de gramaticalização, que permite a mudança da sua estrutura argumental.

Em suma, as estruturas conformativas com o conector *como* e as orações comparativas têm em comum a propriedade distintiva de registarem competição entre *fazer* isolado (pelo menos superficialmente) e *fazer+o*, não admitindo a presença de quaisquer outros elementos pronominais (e.g. *fazer+isso*)⁴. Tanto quanto sei, esta particularidade das construções conformativas e comparativas não foi destacada na literatura. É sobre estas construções que o presente trabalho se debruça.

Genericamente, as construções com as expressões anafóricas (simples ou locucionais) com *fazer* competem com uma construção alternativa, em que há repetição em vez de retoma anafórica. A repetição é frequentemente parcial, envolvendo apenas o verbo do antecedente (e omitindo, por exemplo, os seus complementos, já presentes no antecedente). Vejam-se exemplos com estruturas conformativas e orações comparativas:

⁴ A elas juntam-se estruturas oracionais subordinadas com valor de modo (e.g. como a estrutura introduzida por *como* em (13) adiante, *o Pedro jogou como sempre (o) faz: com grande mestria*), classificadas como conformativas *lato sensu* por diversos autores, mas que aqui são tratadas separadamente. Voltaremos a esta questão no início da secção 3.

- (9') O contabilista *enviou um relatório detalhado ao diretor* em maio, como já **tinha enviado** em janeiro.
- (10') O atual Governo *controla os meios de comunicação de forma* tão *autoritária* como o anterior Governo **controlava**.

As construções com *fazer* anafórico em conformativas e comparativas são especialmente interessantes por diversas razões. Uma delas envolve variação linguística, nomeadamente a já referida competição entre *fazer* isolado e *fazer+o* e a maior ou menor aceitação que estas variantes têm entre os falantes do português europeu (PE) contemporâneo, que é a variedade em aqui nos concentraremos. Outra das razões envolve a construção e processamento das cadeias referenciais, que são de especial complexidade nas construções em causa. Estas cadeias são em parte construídas com recurso a mecanismos dedutivos de “reconstrução do antecedente” a partir do material utilizado (no contexto precedente e/ou subsequente), à semelhança do que acontece frequentemente com, por exemplo, as anáforas plurais (cf. *e.g.* Kamp; Reyle, 1993) ou as anáforas temporais (cf. *e.g.* Alves, 2002), em vez de ligação anafórica simples por correferência com um antecedente contínuo. Exploraremos neste trabalho os diferentes mecanismos associados à identificação de antecedentes nestas construções.

As expressões anafóricas (simples ou locucionais) com *fazer* tomam tipicamente como seus antecedentes sintagmas verbais com verbos de tipo acional, na forma ativa, como acontece em (9) e (10) (*enviar, controlar*). Veremos adiante situações em que este requisito semântico não é respeitado, em estruturas conformativas e orações comparativas, resultando em construções de aceitação possivelmente mais marginal.

Neste trabalho, são considerados sistematicamente dados de *corpora* de texto jornalístico português, em especial o CETEMPúblico (*corpus* com cerca de 195 milhões de palavras), que permite ter uma visão quantitativa da competição entre formas (em especial *fazer* e *fazer+o*) no PE. São também considerados dados do Vercial (*corpus* de

texto literário com cerca de 15 milhões de palavras, de autores portugueses dos séculos XVI a XX); o uso deste *corpus* destina-se a observar se formas que são de uso minoritário e eventualmente consideradas não preferenciais pelos falantes contemporâneos foram usadas pelos nossos autores clássicos, atendendo a que estes são frequentemente tomados como referência para a pertença ou não das construções à chamada variedade padrão da língua. Ainda que o português brasileiro (PB) tenha um lugar menos central nas análises deste trabalho, são apresentados dados quantitativos de pesquisas sistemáticas no NILC/São Carlos, *corpus* com cerca de 33 milhões de palavras, de texto predominantemente jornalístico brasileiro. Esses dados revelam que as variedades brasileira e europeia da língua não parecem diferir significativamente no uso das construções em análise.

2 O verbo anafórico fazer na descrição gramatical do português (com foco nas referências à sua ocorrência em estruturas conformativas)

O uso de *fazer* como verbo de caráter anafórico, que permite não repetir expressões verbais de tipo acional, é muito discutido na literatura: está amplamente documentado no registo dicionarístico e é discutido em vários trabalhos da literatura especializada, como, por exemplo nas teses de doutoramento Machado Vieira (2001) e Reis (2016), que remetem para trabalhos realizados sobre as contrapartidas deste verbo noutras línguas românicas, como Solé (1966), sobre o espanhol *hacer*. Nas gramáticas tradicionais, porém, o verbo raramente é discutido, e, quando o é, a discussão é bastante superficial (cf. *e.g.* Mendes de Almeida, 1999 [1943], p. 269; Moura Neves, 2000, p. 494-495). Interessantemente, mesmo nas gramáticas modernas de referência, como Mateus *et al.* (2003) ou Raposo *et al.* (2013/2020), o uso deste verbo em cadeias anafóricas é praticamente ignorado.

Os dicionários costumam referir o verbo anafórico em causa, geralmente de forma breve, ainda que com diversas abonações. Fernandes (1990 [1940]), por exemplo, afirma:

Fato digno de registro é o uso do verbo FAZER para evitar a repetição de outro verbo anteriormente empregado, casos em que se dá ao verbo FAZER o nome de *verbo vicário*. (Veja-se M. Barreto, *Fatos da língua* [1916], pág. 219.) Atente-se nos seguintes exemplos: (...) “Convidou-o a beber jeropiga, e tão copiosamente o fizeram, que ali se trocaram recíprocas e íntimas confidências” (Fernandes, 1990 [1940], p. 345).

Borba (1991, p. 748-749) refere:

VII. [*Fazer*] É substituto de outros verbos: 1. Em construções topicalizadas, relacionado a infinitivo, tem valor catafórico: (...) *O pobre só fazia mesmo era ficar olhando (...)*; 2. Em construções não necessariamente topicalizadas, substitui qualquer verbo já enunciado: (...) *Santa Bárbara, se tivesse de lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo num terreiro de candomblé! (...)* (Borba, 1991, p. 748).

Os dicionários normalmente não fazem qualquer separação por tipos de construções (ainda que Borba, 1991, como vemos acima, separe dois usos). É nos trabalhos de Machado Vieira (2001) e Reis (2016) onde encontramos um maior desenvolvimento (que não é possível aqui rever) sobre a tipificação de contextos em que pode surgir *fazer* anafórico. Em todo o caso, nem os dicionários nem as duas linguistas referidas sinalizam as conformativas e as comparativas como casos gramaticalmente particulares a que interessa atender separadamente, como faremos neste trabalho.

Quanto ao uso de *fazer* em orações comparativas, não conheço nenhum dicionário que o refira ou discuta, e bem assim nenhum trabalho, além de Móia (2015), que revisitaremos na secção 4.

Quanto ao uso de *fazer* em estruturas conformativas, há mais informação na literatura. Os dicionários incluem frequentemente abonações de *fazer*, sozinho ou com *o*, nestas estruturas, embora não as autonomizem ou destaquem a variação de formas que nelas se observa. Vejam-se dois exemplos:

- (11) “Os ídolos antigos adorava, como inda agora **faz** a gente iníqua” (Camões, *Os Lusíadas*, *apud* Fernandes, 1990 [1940], p. 345).
- (12) “E atrasa-se de propósito a fim de evitar que Jorge *a acompanhe* à esquina, como habitualmente **faz**.” (Lúcia Miguel Pereira, *Cabra-cega*, 1954, *apud* Borba, 1991, p. 748-749).

Machado Vieira (2001, p. 266-275) dedica uma secção de dez páginas da sua tese ao uso de *fazer* como “elemento de coesão com função fórica” (anafórica ou catafórica), sublinhando a sua combinação com elementos pronominais, mas não isola as situações em que *fazer* pode ocorrer sozinho, como as conformativas ou as comparativas.

É comum que *fazer* se associe a um elemento que também tenha função coesiva. Apesar de esse elemento ser normalmente de natureza pronominal (clítico demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome indefinido, por exemplo), apresenta também outras formas: nome genérico ou uma expressão que (...) imprima ao enunciador carácter intensificador (Machado Vieira, 2001, p. 266).

(...) a estrutura *fazer + elemento coesivo* (...) pode ser substituída (...) por um sintagma verbal específico que se encontra em enunciado anterior ou posterior ao do enunciado com a pro-forma verbal *fazer* (Machado Vieira, 2001, p. 270).

Reis (2016), que também destaca a coocorrência típica do verbo anafórico *fazer* com elementos pronominais, sinaliza a possibilidade de o usar sem esses elementos a seguir à conjunção conformativa *como*:

Vejamos o primeiro subtipo [de FAZER discursivo] identificado como FAZER vicário. Esse uso se dá quando FAZER substitui um verbo anteriormente expresso. Geralmente vem acompanhado do pronome oblíquo “o” ou do pronome demonstrativo “isso” ou de uma conjunção conformativa, por exemplo, “como” (Reis, 2016, p. 129).

“O terremoto de 1693, apesar de não destruí-la totalmente como **fez** com a vizinha Noto, lhe acrescenta características barrocas na arquitetura” (*apud* Reis, 2016, p. 74).

Mas a autora sublinha que, em estruturas conformativas, também é possível usar *fazer+o* (em vez de *fazer* isolado), invocando justamente o padrão sintático transitivo do verbo:

No entanto, o pronome oblíquo pode também ocorrer junto com o termo “como” (...)

(159) FSP950728-112: «*A Sombra da Dúvida*», quarto filme da diretora francesa Aline Isserman, não apenas se arroga esse direito como **o faz** com convicção (Dado do corpus *Linguatca*).

Nesse caso, tem-se novamente o FAZER substituindo um verbo (...) mas agora acompanhado do pronome “o”. Isso quer dizer que o padrão sintático transitivo também ocorre com orações introduzidas por “como” (Reis, 2016, p. 130).

3 O verbo anafórico *fazer* em estruturas conformativas

Convém começar por sublinhar que o conceito de estrutura (ou oração) conformativa não é usado por todos os autores com igual amplitude. Nalguns casos, são integradas sob a etiqueta genérica de conformativas construções que prefiro classificar de forma distinta – nomeadamente como estruturas oracionais adjuntas com valor de modo (tipicamente introduzidas por *como*) – e que não são analisadas neste trabalho. Veja-se um exemplo em (13), que contrasta com (14), onde ocorre uma genuína conformativa:

(13) O Pedro jogou [_{MODO} como sempre faz]: com grande mestria.

(14) O Pedro jogou com grande mestria, [_{CONFORMIDADE} como sempre faz].

As estruturas com valor de modo são, até certo ponto, afins das genuínas conformativas, como as de (14), havendo quem as reúna numa macroclasse abrangente (de conformativas *lato sensu*) e quem as classifique separadamente – cf. e.g. Brito e Matos (2003, p. 762-765), que falam em conformativas com uma “leitura de maneira”

para estruturas do tipo de (13), ou Pereira (2014), que fala em estruturas que veiculam semelhança, um valor distinto da conformidade, para essas mesmas estruturas. É possível até que elas por vezes se confundam, não sendo sempre claro em todos os textos qual o valor que se pretende, sobretudo se não se fizer na escrita a diferença de pontuação prototípica – ausência de vírgula quando a oração tem valor de modo, uso de vírgula quando tem valor conformativo:

- (15) “Que o monarca hachemita fique tranquilo, porque o Leão de Damasco não o vai castigar *como fez com o «raïs» egípcio*” (CETEMPúblico, ext66482-pol-94b-2).

Leitura de modo: “não o vai castigar do mesmo modo que castigou o *raïs* egípcio; vai castigá-lo de modo diferente”.

Leitura conformativa: “não o vai castigar, ao contrário do que fez com o *raïs* egípcio (que castigou)”.

Porém, as duas estruturas, de modo e conformativas, apresentam diferenças gramaticais significativas. Entre as propriedades distintivas das estruturas com valor de modo, destacam-se: (i) a possibilidade de serem parafraseadas com *do modo que* e afins, e retomadas anaforicamente pelo advérbio de modo *assim* – *o Pedro jogou do modo que/como sempre jogava; o Pedro jogou assim*; (ii) a ocorrência em posições mais encaixadas no sintagma verbal, sem possibilidade de ocorrência no início da frase (como salientam e.g. Brito; Matos, 2003) – **como sempre (o) fazia, o Pedro jogou* (agramatical na leitura de modo); (iii) a possibilidade de exibirem negação de forma

relativamente livre (o que não acontece nas conformativas genuínas – cf. Lobo, 2013, p. 2029)⁵ – *o Pedro jogou como ainda não/nunca tinha jogado*.

As estruturas com valor de modo também podem exibir variação livre entre *fazer* e *fazer+o* (não admitindo *fazer+isso*) – cf. (16) e (17) –, ou seja, assemelham-se às duas estruturas em análise neste trabalho, as conformativas *stricto sensu* e as comparativas⁶. Por razões de tempo e espaço, deixarei a análise das estruturas com valor de modo para investigação posterior.

(16) “(...) depois do empate com o Luxemburgo (...), a Suíça voltou a jogar **como o fazia** [= *como fazia*] com o técnico inglês Roy Hodgson (...)” (CETEMPúblico, ext38476-des-96a-1).

(17) “Quer então dizer que, frente a Portugal, não vai jogar **como fez** [= *como o fez*] com o Gana?” (CETEMPúblico, ext52025-des-93a-1).

3.1 Dados de corpora

Para este trabalho, foram realizadas extensas pesquisas das cadeias referenciais com *fazer* isolado ou *fazer+o* em estruturas conformativas com *como* (nas formas *como*, *tal como* e afins), no CETEMPúblico, no Vercial e no NILC/São Carlos⁷. O Quadro 1 (onde

⁵ Não parece ser de todo impossível que as estruturas conformativas tenham negação autónoma. A negação proposicional simples com *não* é de facto muito rara, sendo nestes casos mais comum o uso de uma anticonformativa (*ao contrário do que*), mas ocorre esporadicamente – cf. e.g. “(...) [os portugueses] saíram para a rua, indiferentes ao apertado controlo da mais que zelosa polícia suíça, que logo *saiu à rua*, como **não o fizera** quando a festa foi italiana, nas meias-finais” (CETEMPúblico, ext107131-des-94b-2). Quando a própria oração matriz é negativa, o paralelismo com uma conformativa negativa não é, aliás, incomum: “(...) em 1989 o quarto eleito (...) não se sentou na mesma bancada dos seus parceiros de coligação, tal como **não o faria** agora a candidata não eleita Isabel Castro” (CETEMPúblico, ext1488171-pol-94a-1); “Não vou *entrar nessa discussão*, como **não o fiz** até agora (...)” (NILC/São Carlos, par=Brasil-94a-2).

⁶ Nas pesquisas realizadas no CETEMPúblico, estima-se um total de 408 registos em frases com *como* com valor de modo, usando 216 *fazer* isolado (53%) e 192 de *fazer+o* (47%).

⁷ Foram pesquisadas sequências da palavra *como* seguidas, com até 2 palavras interpoladas, de formas do verbo *fazer* ([lema="fazer.*"]), contendo ou não o elemento *o* entre *como* e *fazer*. No Vercial e no

“pMp” abrevia a expressão “por milhão de palavras”) apresenta os resultados quantitativos dessas pesquisas.

Quadro 1 – Número estimado de ocorrências de *fazer* anafórico isolado e *fazer+o* em estruturas conformativas com *como* no CETEMPúblico, no Vercial e no NILC/São Carlos.

| | CETEMPúblico [PE] | Vercial [PE] | NILC/São Carlos [PB] |
|----------------------|------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| <i>fazer</i> isolado | 2.796 (76%) (14,3 pMp) | 278 (89%) (18,8 pMp) | 570 (91%) (17,3 pMp) |
| <i>fazer+o</i> | 906 (24%) (4,6 pMp) | 36 (11%) (2,4 pMp) | 53 (9%) (1,6 pMp) |
| Total | 3.702 | 314 | 623 |

Fonte: elaborado pelo autor.

As pesquisas realizadas no CETEMPúblico indicam uma prevalência muito superior de *fazer* anafórico isolado (76%) a *fazer+o* (24%) em estruturas conformativas, em texto jornalístico português⁸. A forma do conector conformativo também varia (um facto não representado no quadro): *como* simples é a mais comum (84%), seguida de *tal como* (15%); outras formas de uso mais residual são, por exemplo, *assim como* ou *um pouco como*. A preferência por *fazer* isolado no corpus brasileiro NILC/São Carlos é ainda mais acentuada (91%), predominando igualmente o conector *como* simples (83%); observa-se ainda que uso de *assim como* como alternativa equivalente a *tal como* é mais comum no corpus brasileiro que no corpus português.

As mesmas pesquisas no Vercial revelam 36 registos de *fazer+o* em estruturas conformativas – cf. (18)-(19) – e 278 de *fazer* isolado (89%), indicando uma prevalência

NILC/São Carlos, foram lidos individualmente todos os resultados. No CETEMPúblico, foi lida apenas uma amostra (de cerca de 500 ocorrências para *fazer+o* e 500 para *fazer* isolado), apurando-se uma taxa de relevância que foi depois aplicada ao número total de resultados das pesquisas.

⁸ Note-se que o clítico acusativo *o* presente em *fazer+o* não é processado autonomamente, não tendo pois o comportamento gramatical do seu homónimo combinado com outros verbos (e.g. *a lei foi aprovada, como o tínhamos previsto*), onde se associa a construções afins das de “duplo preenchimento” em orações relativas (cf. análise de Peres; Móia, 1995, p. 353-361).

desta última forma semelhante à do NILC/São Carlos e superior à do CETEMPúblico. Documenta-se, pois, uma tendência para um aumento do uso da forma *fazer+o* em conformativas, no PE, ainda que ela se mantenha minoritária. A forma do conector conformativo no Vercial é *como* simples em 96%, ocorrendo *tal como* e *assi(m) como* nos restantes 4% dos casos. Observa-se, pois, um aumento significativo do uso da locução *tal como* no PE contemporâneo (que só estudos mais extensos poderão confirmar ou não como um tendência geral na língua).

- (18) “Feudatário de um príncipe conquistador, (...) o infante podia *entregar-se às suas propensões belicosas, como o fizera* servindo Afonso IX”
(Alexandre Herculano, *História de Portugal*, 1848, in Vercial).
- (19) “(...) te rogo incessantemente queiras, como sempre **o fizeste**, *prestar os teus auxílios em benefício de uma nação a que também pertences...*” (Raul Brandão, *El-Rei Junot*, 1903, in Vercial).

3.2 Particularidades do uso do verbo anafórico *fazer* em estruturas conformativas

As cadeias referenciais com o verbo anafórico *fazer* em estruturas conformativas apresentam vários tipos de particularidades gramaticais. Algumas são comuns à generalidade das estruturas com *fazer* anafórico, outras são mais específicas das conformativas (ou das conformativas e comparativas). Vejamos algumas delas.

3.2.1 Os antecedentes verbais de *fazer* – tempo, modo e polaridade

Uma primeira particularidade gramatical que importa destacar é que as expressões verbais são retomadas despojadas de informações temporo-modais, as quais são dadas de forma autónoma na estrutura conformativa. Esta propriedade é comum à generalidade das expressões anafóricas com *fazer*.

Com efeito, as marcas de flexão temporal são independentes na estrutura proposicional onde ocorre o antecedente e na estrutura conformativa, já que cada uma delas tem o seu verbo, recetor de marcas temporo-modais próprias. Veja-se o exemplo abaixo, onde o antecedente tem um valor futuro hipotético (*vão alegar*) e a retoma anafórica envolve um valor passado factual (*o fizeram = alegaram inconstitucionalidade*):

- (20) “Resta agora saber se os proprietários das escolas não *vão alegar inconstitucionalidade* (...), como **o fizeram** já com um projecto anterior a este” (CETEMPúblico, ext181001-soc-93a-2).

Os verbos auxiliares aspetuais e modais (associados ao verbo do antecedente) também não são retomados, podendo o verbo *fazer* da conformativa combinar-se com os seus próprios auxiliares aspetuais e modais.

- (21) “(...) o SLORC foi lentamente (...) dando carta branca aos comerciantes chineses, que **passaram** (...) a *dominar o comércio* na Birmânia, tal como já **o faziam** no resto do sudoeste asiático (CETEMPúblico, ext25555-pol-93a-1) [*o faziam = dominavam o comércio*].
- (22) “O ministro Rodrigues Consolado **deveria** *presidir à sessão*, como **o fizera** o seu antecessor nos anos precedentes (...)” (CETEMPúblico, ext8976-pol-92a-2) [*o fizera = presidira à sessão*].

A negação também não é normalmente retomada. Isso não é de estranhar, uma vez que os operadores negativos, como é bem sabido da literatura, criam tipicamente descrições com comportamento estativo, que não são antecedentes adequados para o verbo acional *fazer*:

- (23) “Com 24 anos, profissional de golfe desde 1994, o sueco **não se tem destacado** no «tour» como **o têm feito** tantos dos seus compatriotas nas últimas épocas (...)” (CETEMPúblico, ext364904-des-98b-1) [o *têm feito* = *têm-se destacado* no «tour»].
- (24) “Ausserwinkler afirmou que existe a suspeita de que a empresa **não submeteu amostras**, tal como **o deveria fazer**, ao Ministério da Saúde (...)” (CETEMPúblico, ext374989-soc-92a-2) [o *deveria fazer* = *deveria submeter amostras ao Ministério da Saúde*].

O comportamento face à negação distingue, interessantemente, as estruturas conformativas com *fazer* (em que a negação não é normalmente retomada⁹) das estruturas conformativas comuns (isto é, sem o verbo *fazer*). Nestas últimas, a presença da negação no antecedente é frequentemente fonte de ambiguidade, já que a conformativa pode facilmente retomar tanto a proposição negativa como a proposição afirmativa:

- (25) O candidato não desistiu, como prometeu, e foi até ao fim.

Leitura 1: com retoma de negação (“prometeu que não desistiria”); “o candidato, como prometeu, não desistiu e foi até ao fim” (ordem que elimina a ambiguidade).

Leitura 2: sem retoma de negação (“prometeu que desistiria”); “o candidato não desistiu como prometeu (que desistiria) e foi até ao fim” (pontuação que favorece esta leitura).

⁹ Só muito excecionalmente isso acontece – cf. e.g. “(...) Pereira também sabe que é nefasto *não partilhar com os cidadãos, como faz* o Governo, o inventário e a análise das dificuldades (...)” [faz = *não partilha com os cidadãos o inventário e análise das dificuldades*].

3.2.2 Os antecedentes de *fazer* – distribuição sintática

Uma segunda particularidade gramatical que importa destacar é que há grande flexibilidade no que respeita à posição da expressão ou expressões que permitem identificar o conteúdo da anáfora. Com efeito, as estruturas conformativas, como acontece com a generalidade dos adjuntos adverbiais, podem realizar-se em diferentes posições: após a estrutura matriz, antes da estrutura matriz ou em posições intercaladas na matriz (*e.g.* entre verbo e complementos). Curiosamente, estas possibilidades estão todas disponíveis, mesmo quando a conformativa contém *fazer*. Assim, consoante a posição, a expressão ou conjunto de expressões que permitem interpretar a expressão anafórica com *fazer* (delimitadas com parênteses retos com índice *i*, ou *i*₁... *i*_n, nos exemplos abaixo, por facilidade de identificação)¹⁰ podem: preceder inteiramente a expressão fórica, sendo genuínos antecedentes numa cadeia anafórica em sentido estrito, como em (26)-(27), seguir-se inteiramente à expressão fórica, sendo “subsequentes” numa cadeia catafórica, como em (28)-(29), ou ainda preceder parcialmente e seguir parcialmente a expressão fórica, isto é, sendo uma combinação antecedente-subsequente numa cadeia mista anafórica-catafórica, como em (30). Dados dos *corpora* consultados mostram que as três possibilidades são comumente exploradas, havendo numerosos exemplos de todas elas (em PE e em PB). Saliente-se ainda que, em qualquer dos casos, o antecedente, o subsequente ou o antecedente-subsequente podem estar bastante próximos da expressão fórica (ou ser mesmo contíguos a ela) ou estar relativamente afastados dela.

- (26) “(...) também nos parece que não devemos chegar ao ponto de [distribuir 80 por cento dos lucros]_i, como muitas empresas [fazem]_i.”
(CETEMPúblico, ext41454-eco-93a-2).

¹⁰ Como já foi dito, a correferência estabelece-se entre duas expressões do tipo SV, mas despojadas da informação temporo-modal codificada na flexão verbal; sinalizo esta diferença entre as expressões delimitadas por parênteses retos nas representações usando índices diferenciados por uma plica.

- (27) “(...) há muito tempo que a Assembleia Municipal de Loures não [aprovava]_{i1} uma moção [por unanimidade]_{i2}, como [o fez]_{i1'⊕i2} com o documento de apoio aos organizadores da Exposição Internacional” (CETEMPúblico, ext88478-soc-93a-2).
- (28) “Tal como já [fizera]_{i'} na terça-feira, (...) o empresário voltou a [dizer que a aposta (...) estará ligada ao (...) binómio qualidade-preço (...)]_{i'}” (CETEMPúblico, ext50342-eco-97b-2).
- (29) “Tal como [o fizemos]_{i1'⊕i2} com Moçambique, iremos continuar a [proceder]_{i1} em relação a Angola [no estrito respeito pela soberania do Estado]_{i2} (...)” (CETEMPúblico, ext164057-pol-94b-1).
- (30) “(...) [Serge] optou pela continuidade dos métodos tradicionais de detecção de cetáceos, [servindo-se]_{i1}, tal como outrora [o faziam]_{i1'⊕i2} os baleeiros, [dos olhos experientes de um vigia]_{i2} (...)” (CETEMPúblico, ext184388-soc-93b-1).

3.2.3 Contrastes entre elementos da estrutura predicativa da oração matriz e da estrutura conformativa

Em estruturas conformativas com o verbo anafórico *fazer* há sempre um contraste entre pelo menos um elemento da estrutura matriz (“elemento contrastado da matriz”, ECM) e um elemento da estrutura conformativa (“elemento contrastante da conformativa”, ECC). O contraste pode envolver uma expressão argumental (argumento externo ou interno), como em (31a,b), um modificador (de valor temporal, locativo ou outro), como em (31c), ou apenas elementos flexionais (*e.g.* de valor temporal), como em (31d). Pode haver mais de um contraste numa mesma estrutura – cf. (31e).

- (31) a. [O sindicato A]_{ECM} queixou-se, como fez [o sindicato B]_{ECC}.
 b. O sindicato queixou-se [ao Parlamento]_{ECM}, como tinha feito [ao Tribunal]_{ECC}.
 c. O sindicato queixou-se [em 2024]_{ECM}, como tinha feito [em 2023]_{ECC}.
 d. O sindicato voltou a queixar-se, como já tinha feito.
 e. [O sindicato A]_{ECM1} queixou-se [ao Parlamento]_{ECM2} [este ano]_{ECM3}, como tinha feito [o sindicato B]_{ECC1} [ao Tribunal]_{ECC2} [o ano passado]_{ECC3}.

Uma das situações mais frequentes nos *corpora* consultados é o contraste entre sujeitos, caso em que a anáfora pode ter como antecedente todo o SV (despojado de informações temporo-aspetuais) da estrutura matriz. O sujeito contrastante da conformativa ocorre muitas vezes em posição pós-verbal, mas a inversão sujeito-verbo não é obrigatória. Vejam-se exemplos do CETEMPúblico:

- (32) “[O ministro Rodrigues Consolado]_{ECM} deveria *presidir à sessão*, como o **fizera** [o seu antecessor]_{ECC} nos anos precedentes (...)” (CETEMPúblico, ext8976-pol-92a-2).
 (33) “(...) Durão Barroso considera «perfeitamente razoável» que [os representantes de Portugal]_{ECM} *paguem os jornais do seu próprio bolso*, como [ele próprio]_{ECC} **fazia** quando estudava em Genebra...” (CETEMPúblico, ext33821-pol-93b-1).

Outras situação muito frequente é o contraste entre adjuntos adverbiais não argumentais (exprimindo valores temporais, locativos, causais, finais, etc.), caso em que a anáfora pode ter como antecedente todo o SV da estrutura matriz, excluídos os

modificadores contrastados. Frequentemente, há sujeitos correferentes, como em (34), mas não é obrigatório que assim seja, como se vê em (35):

(34) “[No fim do livro]_{ECM}, Gruen *analisa*, como já **o tinha feito** parcialmente [na «Loucura da Normalidade»]_{ECC}, *o que é a psicologia dos líderes e dos seus seguidores*” (CETEMPúblico, ext360964-clt-95b-1).

(35) “E [_{ECM1} *adiantaram* [agora]_{ECM2}, como [outros]_{ECC1} **o haviam feito** [após realinhamentos anteriores]_{ECC2}, *que não havia outra saída (...)*” (CETEMPúblico, ext345676-eco-95a-2).

Os contrastes, principalmente os temporais, são muitas vezes feitos sem haver duas expressões adjuntas explícitas, mas antes envolvendo pontos de perspectiva (presentes ou passados), recuperados pela flexão verbal:

(36) “A corrida masculina confirmou Paul Koech como o melhor queniano da actualidade: *venceu* de novo, como **o havia feito** [há uma semana] nos campeonatos nacionais (...)” (CETEMPúblico, ext208157-des-97a-2) [*venceu* = *venceu agora*].

Outra situação a considerar é a do contraste entre argumentos internos verbais. Neste casos, há várias curiosidades gramaticais a registar, que se relacionam com a estrutura argumental do verbo *fazer*. Se o constituinte contrastado é um complemento direto na matriz, o constituinte contrastante, na conformativa, nunca pode ter a mesma forma, já que *fazer* anafórico não pode ter um complemento direto argumental correspondente (o seu complemento direto pode apenas ser expresso na forma clítica *o que* integra a própria anáfora). Neste caso, o argumento contrastante surge combinado com *fazer* precedido de uma preposição própria de *fazer*, tipicamente *a, com*

ou *em relação a* (ou *relativamente a*). É um aspeto gramatical interessante que creio ter sido pouco salientado na literatura. No Vercial, observa-se uma predominância clara da preposição *a*, sendo muito raras as outras preposições ou locuções prepositivas (*com* ou *em relação a*). No CETEMPúblico, predominam claramente *com* e *em relação a*, sinalizando uma possível mudança linguística. Vejam-se exemplos do CETEMPúblico, com *a*, *com* e *em relação a* a introduzir argumentos que contrastam com complementos diretos no antecedente:

- (37) “Cavaco Silva (...) *convidou* [Ieltsin]_{ECM} *a visitar Portugal*, tal como **o fizera** na véspera [**a Chernomirdine**]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext76991-pol-94b-2).
- (38) “Londres *lançou no mundo* [o vinho do Porto]_{ECM}, tal como **fez** [**com** o chá da Índia e o ópio da China]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext85949-nd-91b-2).
- (39) “A embaixada de Angola voltou a *intervir no processo realojando* [estas pessoas]_{ECM} *numa pensão da Avenida 5 de Outubro*, tal como já **o havia feito** [**em relação aos** refugiados que se encontravam na Carregueira]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext1445162-soc-93b-2).

Se o constituinte contrastado é um complemento preposicionado (dativo ou oblíquo não dativo), o constituinte contrastante, na conformativa, tem por vezes a mesma forma, mantendo-se a regência preposicional (se *fazer* o permitir), como em (40)-(41), mas, frequentemente, surge combinado – à semelhança do que acontece com os argumentos internos não preposicionados – com *fazer* precedido de uma conector prepositivo próprio deste verbo (e.g. *a*, *com*, *em relação a*), como em (42)-(43).

- (40) “Na passada terça feira, Solti *despediu-se* [**do** público nova-iorquino]_{ECM}, como **o havia feito** na semana anterior [**do** público de Chicago]_{ECC} (...)” (CETEMPúblico, ext886920-clt-91a-1).
- (41) “(...) [os «satyagrahas»] tentaram *entrar* [**no** território de Goa]_{ECM}, tal como **o tinham feito** um ano antes [**nos** enclaves de Dadra e Nagar]_{ECC} (...)” (CETEMPúblico, ext1007146-pol-95b-1).
- (42) “(...) Salomão Xirimbimbi teceu (...) críticas ao facto de o FMI não *ter concedido* [**a** Angola]_{ECM}, como **fez** [**com** outros países de Leste]_{ECC}, o sistema de câmbio múltiplo” (CETEMPúblico, ext6185-eco-91b-1).
- (43) “Tal como já **havia feito** [**com** a sua outra folha de cálculo para Windows]_{ECC} (...), a Lotus *acrescentou* [**ao** 1-2-3]_{ECM} a possibilidade de edição directa na célula (...)” (CETEMPúblico, ext19274-nd-93a-2).

Outra situação a considerar ainda é a do contraste entre argumentos internos ou modificadores (não necessariamente verbais), em posição mais encaixadas. Os casos envolvendo complementos ou modificadores de nomes, que implicam uma “reconstrução do antecedente” mais complexa, são relativamente comuns; na retoma, a preposição não é normalmente a do constituinte contrastado, mas uma das preposições próprias do verbo anafórico *fazer* (e.g. *com*, *em relação a*). Vejam-se exemplo do CETEMPúblico, com *adesão* (*a*), *coisas* (*sobre*), *combate* (*contra*) e *venda* (*de*):

- (44) “Quando o povo suíço *recusou*, em 92, *a adesão* [**ao** Espaço Económico Europeu]_{ECM}, como já **fizera** [**com** a ONU]_{ECC}, cometeu um grave engano” (CETEMPúblico, ext40-soc-97b-1).
- (45) “Dalglish afirmou-me que o olheiro do clube *tinha escrito coisas* [**sobre** mim]_{ECM} como nunca **o havia feito** [**relativamente a** outro jogador]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext565736-des-94b-1).

- (46) “A Colômbia (...) acusou os países desenvolvidos (...) de não *se terem esforçado no combate* [**contra** a produção de substâncias químicas]_{ECM} como **o fizeram** países como a Colômbia [**em relação à** cocaína]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext77629-soc-91b-1).
- (47) “(...) sempre *se tinha defendido a venda* [**desse sector**]_{ECM}, tal como *se irá fazer* [**em relação às** mercadorias]_{ECC}, *por inteiro* (...)” (CETEMPúblico, ext19329-eco-92b-2) [*esse sector = os caminhos-de-ferro*].

3.3 As estruturas conformativas com o verbo anafórico *fazer* como área crítica da língua

O verbo acional *fazer* retoma tipicamente descrições acionais representadas por verbos na forma ativa, como em (48).

- (48) As autarquias devem *preservar os seus imóveis de interesse histórico*, como **estão a fazer** nesta região.

Nos dados de *corpora*, encontram-se duas outras opções, mais marcadas, de aceitação porventura não consensual entre todos os falantes e que parece haver tendência a evitar na escrita formal: (i) “reconstrução” de um antecedente acional a partir de uma passiva participial envolvendo um verbo acional, como em (49a)¹¹; (ii) “reconstrução” de um antecedente acional a partir de um sintagma nominal com um nome derivado de um verbo acional, como em (49b). Observa-se ainda, muito esporadicamente, associação de *fazer* a antecedente verbais não acionais, como em (50), uma opção muito marcada, frequentemente sentida como agramatical.

¹¹ Por vezes, observam-se expressões anafóricas com *fazer* associadas a passivas de clítico: “Quando *se contam histórias*, como eu **faço**, não se pode fazê-lo sozinho, com uma só voz.” (CETEMPúblico, ext83285-nd-91b-2). Creio que esta construção tem melhor aceitação que a que envolve passivas participiais.

- (49) a. #Os imóveis de interesse histórico devem ser preservados, como as autarquias desta região **estão a fazer**.
- b. #A preservação dos imóveis de interesse histórico, como as autarquias desta região **estão a fazer**, deve ser elogiada.
[*estão a fazer* = *estão a preservar os imóveis de interesse histórico*]
- (50) #Os imóveis de interesse histórico estão bem preservados, como **fazem** as autarquias desta região.
[*fazem* = *preservam os imóveis de interesse histórico*]

Nas pesquisas realizadas no CETEMPúblico, encontraram-se várias dezenas de construções com passivas participiais, que parece ser o tipo de construção de aceitação não consensual (ou pelo menos mais marcado) mais comum. Estas estruturas requerem uma “reconstrução do antecedente” de maior complexidade, alterando a “voz” do verbo e retomando o sujeito da frase onde está o antecedente:

- (51) “Mas também pode *ser argumentado*, como **fariam** certos marxistas, *que o pluralismo americano não é mais do que a expressão de uma certa variedade de capitalismo (...)*” (CETEMPúblico, ext5567-nd-91b-2).
- (52) “«Carnaval Literário» poderá *ser descrito*, como **o faz** Urbano Tavares Rodrigues no curto prefácio, *como «um conjunto de fragmentos ensaísticos (...).»*” (CETEMPúblico, ext198407-clt-94a-2).
- (53) “Raras foram as vezes em que *o futebol foi jogado em toda a sua plenitude* como **o fizeram** esses garotos comandados por Muricy” (NILC/São Carlos, par=Esporte--94b-1).

No Vercial, também se encontram, ainda que de forma muito esporádica, conformativas com antecedentes na forma passiva:

- (54) “Assim acabaram (...) dous parentes meus, (...) a quem herança *que, repartida amigavelmente*, como depois se **fez**, lhes daria meios de serem mais ditosos (...)” (Filinto Elísio, *Obras*, 1789, in Vercial).

As construções com antecedente nominais são relativamente raras e creio que sentidas com opção muito marcada:

- (55) “Cientistas americanos e soviéticos afirmaram (...) [o] envio de uma equipa internacional de astronautas ao planeta Marte custaria dez vezes menos do que o *envio de uma missão exclusivamente americana*, como pretendem **fazer** os EUA” (CETEMPúblico, ext18869-nd-91a-1).
- (56) “Defendo a *abertura da economia com cautela*, como nós **fizemos**, porque a concorrência é saudável (...)” (NILC/São Carlos, par=35659).

As construções com antecedentes não acionais ocorrem esporadicamente, sendo possivelmente sentidas como a opção mais marcada. Vejam-se exemplos com os predicados não acionais *conhecer* e *estar disposto em quadrado*, em (57) e (58), respetivamente.

- (57) “É difícil (...) antever o valor do IPC de Abril. Seria necessário *conhecer as variações de preços nas sete regiões consideradas, devidamente ponderadas por tipos de produtos*, tal como o **fazem** os serviços do Instituto Nacional de Estatística” (CETEMPúblico, ext61411-nd-96a-2).
- (58) “Outra das possibilidades (...) é (...) realização de reuniões onde os intervenientes *estejam dispostos em quadrado, de modo a que todos se possam ver*, como se costuma **fazer** nas cimeiras comunitárias” (CETEMPúblico, ext74084-eco-94a-1).

4 O verbo anafórico *fazer* em orações comparativas

4.1 Dados de corpora

Móia (2015) mostra que as construções comparativas com *fazer* anafórico (na forma simples ou locucional *fazer+o*) não são consensualmente aceites pelos falantes portugueses, mas ocorrem, mais ou menos esporadicamente, em texto jornalístico. Com pesquisas muito limitadas, o autor encontrou no CETEMPúblico um total de 32 registos: 22 com *fazer* isolado e 10 com *fazer+o*. Para este trabalho, foram realizadas pesquisas mais extensas,¹² que dão números mais precisos das ocorrências no CETEMPúblico e, adicionalmente, mostram que essas construções ocorrem também, de forma igualmente esporádica e com a mesma variação na forma da anáfora, em texto jornalístico brasileiro e em texto literário português de diferentes séculos. Vejam-se os dados do Quadro 2.

Das pesquisas realizadas no CETEMPúblico, resultou um total de 143 registos relevantes: 84 com *fazer* isolado e 59 com *fazer+o*. Observa-se uma prevalência global superior de *fazer* anafórico isolado (59%) a *fazer+o* (41%) em estruturas comparativas. As proporções são bastante distintas em comparativas de igualdade, em que predomina *fazer+o* (58%), e comparativas de superioridade ou inferioridade, em que *fazer+o* é minoritário (31%). O número de ocorrências total é bastante baixo, correspondendo os 143 registos a um valor de 0,7 pMp. No NILC/São Carlos, observa-se uma preferência pela formas simples e locucionais distinta: *fazer+o* é preferido globalmente (60%), com um valor de 46% nas comparativas de igualdade e em 86%

¹² Foram pesquisadas sequências das palavras *tão*, *tanto*, *mais*, *menos*, *menor* e *maior* seguidas, com até 4 palavras interpoladas, de *como*, *quanto* ou *do que*, seguidos, com até 4 palavras interpoladas, de formas do verbo *fazer* ([lema="fazer.*"]). Trata-se de pesquisas bastante mais alargadas que as realizadas em Móia (2015) no CETEMPúblico, pelo que o número de ocorrências registadas nesse *corpus* é bastante superior ao desse trabalho. Todos os resultados (um pouco mais de 1.200, no caso do CETEMPúblico) foram lidos individualmente para eliminar as construções irrelevantes. Os números obtidos não são necessariamente totais absolutos, porque é de admitir a existência (pontual) de construções com mais de 4 palavras intervenientes entre os elementos relevantes, mas estarão certamente muito próximos disso.

nas comparativas de superioridade e inferioridade. A prevalência global da construção é igualmente muito baixa (0,6 pMp).

Quadro 2 – Número estimado de ocorrências de *fazer* anafórico isolado e *fazer+o* em estruturas comparativas no CETEMPúblico, no Vercial e no NILC/São Carlos.

| | | CETEMPúblico [PE] | Vercial [PE] | NILC/São Carlos [PB] |
|-------------------------|---|----------------------|-----------------|-------------------------|
| <i>fazer</i> isolado | comparativas de igualdade (<i>como/quanto</i>) | 22 | 3 | 7 |
| | comparativas de superioridade ou de inferioridade (<i>mais/menos do que</i>) | 62 | — | 1 |
| | Total | 84 (59%) | 3 (27%) | 8 (40%) |
| <i>fazer+o</i> | comparativas de igualdade (<i>como/quanto</i>) | 31 | 3 | 6 |
| | comparativas de superioridade ou de inferioridade (<i>mais/menos do que</i>) | 28 | 5 | 6 |
| | Total | 59 (41%) | 8 (73%) | 12 (60%) |
| Total | | 143 (0,7 pMp) | 11 (0,7 pMp) | 20 (0,6 pMp) |

Fonte: elaborado pelo autor.

As pesquisas no Vercial mostram que a construção foi explorada por alguns dos nossos autores clássicos, ainda que bastante infrequentemente (0,7 pMp): foram encontrados 11 registos, 5 de Camilo Castelo Branco, 2 de Teófilo Braga e 1 de cada um dos autores Júlio Dinis, Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Fernão de Oliveira. Como diferença mais destacada relativamente ao CETEMPúblico, observa-se uma preferência maioritária pela forma complexa *fazer+o* (73%) em vez de *fazer* isolado (ainda que se deva ressaltar que os números totais são demasiado baixos para se

afirmarem preferências de forma muito categórica). As preferências no Vercial e no NILC/São Carlos são bastante semelhantes entre si.

Pela sua curiosidade – e por documentarem registos clássicos de uma construção que hoje em dia parece não gozar de aceitação totalmente consensual – dou conta seguidamente de vários dos registos encontrados no Vercial. Há apenas 3 registos que usam *fazer* isolado, todos em comparativas de igualdade. Vejam-se dois exemplos:

- (59) “(...) ca ela não podia já nunca achar homem que a tanto *amasse* como seu marido **fazia** (...)” (Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, 1883, in Vercial).
- (60) “Já confessamos ser verdade (...) que se mudam as vozes e com elas é necessário também que se *mudem as letras*; mas não *com* tão pouco *respeito* como agora alguns **fazem** (...)” (Fernão Oliveira, *Gramática da Linguagem Portuguesa*, 1536, apud Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, 1912, in Vercial).

Há 8 registos com *fazer+o*, 3 em comparativas de igualdade, como em (61), e 5 em comparativas de superioridade, como em (62)-(64):

- (61) “D. Bruno *cumpriu a promessa com tanta pontualidade* como **o faria** um sujeito de menos fidalgos brios (...)” (Camilo Castelo Branco, *A Queda dum Anjo*, 1866, in Vercial).
- (62) “Assim procederíamos (...) se não tivéssemos de *estudá-los* (...) *com* muita mais *individuação* do que **o** poderíamos *fazer* aqui” (Alexandre Herculano, *História de Portugal*, 1851, in Vercial).

- (63) “Pode-se só ler este (...), que me parece *falava por minha causa* bem mais *acreditadamente* do que eu **o faria**” (Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, 1914, in Vercial).
- (64) “O autor do romanceiro (...) escrevia com admirável (...) *presteza*, sem *dar mais lima* ao verso do que **o faria** à prosa” (Camilo Castelo Branco, *Esboços de Apreciações Literárias*, 1863, in Vercial).

4.2 Aspectos gramaticais do uso do verbo anafórico *fazer* em orações comparativas

A particularidade das orações comparativas é a presença de uma variável quantificacional relativizada na sua estrutura interna. Os casos mais comuns envolvem quantificação verbal, como em (65), quantificação adverbial ou afim, como em (66) (com aplicação do quantificador a formas adverbiais, nominais ou adjetivais), e quantificação nominal, como em (67):

- (65) poluir-Q (*X polui mais agora do que (o) fazia no passado*)
- (66) a. jogar Q-intensamente (*X joga mais intensamente agora do que (o) fazia no passado*)
- b. jogar com Q-intensidade (*X joga com mais intensidade agora do que (o) fazia no passado*)
- c. jogar de forma Q-intensa (*X joga de forma mais intensa agora do que (o) fazia no passado*)
- (67) marcar Q-golos (*X marca mais golos agora do que (o) fazia no passado*)

Não se deve confundir o morfema *o que* (ou *como*) que aparece em comparativas com aquele que ocorre em *e.g.* relativas livres. Neste último caso, *o que* representa o complemento direto de *fazer*, pelo que essa posição não está disponível para o clítico *o*: *era suposto jogar mais atrás, o que ele {fez/ *o fez}*; a expressão anafórica complexa aqui

é *fazer+o que*. Em comparativas, *o que* e *como* representam uma posição de quantificador (não preenchida *in situ*), não fazendo locução com *fazer*; assim, a forma porventura esperada para a anáfora é *fazer+o* (com preenchimento da posição de complemento direto de *fazer*) e não *fazer* isolado (embora esta forma também ocorra com frequência). Móia (2015, p. 410-411) salienta que o antecedente da expressão anafórica tem muitas vezes de ser “reconstruído” a partir do material da estrutura matriz, desconsiderando os quantificadores relevantes. Vejam-se as seguintes estruturas propostas pelo autor, para comparativas verbais (*jogar-Q*), nominais (*ler Q-livros*) e nominais integradas em expressões adverbiais (*criticar com Q-raiva = criticar Q-raivosamente*):

- (68) A equipa tem de jogar mais do que **o fez** ontem.
a equipa tem de [jogar]_j mais d[o que]_i [[o fez]_j [o]_i] ontem
- (69) A Ana lê mais livros agora do que **o fazia** antigamente.
a Ana [lê]_{j1} mais [livros]_{j2} agora d[o que]_i [[o fazia]_{j1⊕j2} [o]_i] antigamente
- (70) A Ana criticou o Pedro com mais raiva agora do que **o fez** antes.
a Ana [criticou o Pedro com]_{j1} mais [raiva]_{j2} agora
d[o que]_i [[o fez]_{j1⊕j2} [o]_i] antes

Algumas propriedades gramaticais do uso do verbo anafórico *fazer* em orações comparativas são comuns às que se observam em estruturas conformativas. Em primeiro lugar, pode haver um contraste entre elementos das estruturas predicativas da frase matriz (ECM) e da oração comparativa (ECC), com realização dessas expressões contrastantes mediante preposições ou locuções próprias do verbo *fazer* (e.g. *a, com, em relação a*). Com complementos diretos, essas regências próprias são obrigatórias:

- (71) “(...) o prémio *beliscará* mais [o regime birmanês]_{ECM} do que **fez** [ao chinês]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext206738-pol-91b-2).
- (72) “Agora, a velocista *abandonou* [a vida]_{ECM} *de forma* tão brusca como **o fez** [com a alta competição]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext1364187-nd-98b-1).
- (73) “(...) a Europa (...) *ataca* [os regimes locais]_{ECM} *com tanta determinação* como o faz [em relação à sua própria classe política]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext4495-pol-97b-1).

Com complementos preposicionados, essas regências próprias são, por vezes, opcionais. Veja-se um caso em que se manteve a regência preposicional do verbo da matriz, em (74), e casos em que se optou pela regência preposicional própria do verbo anafórico *fazer* (e.g. *em relação a*), em (75) e (76):

- (74) “Desengane-se quem pensava que *mudar a residência de Lisboa* [para Paris]_{ECM} seria tão simples como **fazê-lo** [para o Porto]_{ECC}” (CETEMPúblico, ext1522890-soc-94a-1).
- (75) “O receio de uma escalada aumentou nos últimos dias com a China a *aproximar-se* [de Haitan]_{ECM} mais do que **o fez** [em relação à ilha de Dongshan]_{ECC} (...)” (CETEMPúblico, ext1199523-pol-96a-2).
- (76) “Há mesmo quem considere que o PCP *cerrou fileiras* [contra o PS]_{ECM} **mais do que fez** [em relação ao PSD]_{ECC}...” (CETEMPúblico, ext1560073-opi-96b-2).

Em segundo lugar, em comparativas, tal como em conformativas, o antecedente pode ser totalmente anafórico (contínuo ou descontínuo), como em (77)-(78), ou parcialmente anafórico e parcialmente catafórico, como em (79).

- (77) “Duas ideias (...), no princípio deste século, [modificaram de forma profunda o sentimento do homem perante o universo]_i. Muito mais do que [o fará]_{i'} o acertar uns milhares de milhões de anos na idade do Big-bang” (CETEMPúblico, ext417071-clt-soc-93a-2).
- (78) “É difícil de imaginar que a equipa de Eriksson volte a [jogar]_{i1} tão [bem]_{i2} [no Porto]_{i3} como [o fez]_{i1'⊕i2⊕i3} na passada quarta-feira (...)” (CETEMPúblico, ext490654-des-91a-1).
- (79) “Não se trata de virar à esquerda, mas tão-somente de ser um partido que [insista]_{i1} mais do que [tem feito]_{i1'⊕i2} [na tónica que dá atenção aos que menos instrumentos de poder detêm]_{i2} (...)” (CETEMPúblico, ext1426516-pol-95a-1).

Por fim, em comparativas também encontramos construções mais marcadas, de aceitação porventura não consensual, por não haver um antecedente que integre um verbo acional na voz ativa. No caso das comparativas, encontrei essencialmente alguns (poucos) exemplos com um participípio adjetivalizado dependente de *estar*, como em (80), ou com genuínas passivas participias, como em (81)-(82):

- (80) “Não me interessava nada fazer «remakes» de tragédias antigas *que estão* muito mais bem *escritas* do que eu poderia alguma vez *fazê-lo*” (CETEMPúblico, ext868058-clt-92a-1).
- (81) “(...) *a maior parte dos delitos de que eram acusados foram qualificados* pelos juízes *em termos* menos graves do que o promotor *fizera*” (CETEMPúblico, ext46843-pol-92b-1).
- (82) “A decisão do presidente de Cuba (...) não deve *ser aplaudida* com tanta *ligeireza* como **o fez** o chanceler brasileiro, Celso Amorim, durante a sua estada na ilha” (NILC/São Carlos, par=Opinião--94a-1).

5 Considerações finais

Neste trabalho, explorou-se a ocorrência do verbo anafórico *fazer* em dois tipos de construções: sequências com estruturas conformativas e sequências com orações comparativas. Estas construções têm em comum a competição entre a expressão anafórica complexa *fazer+o* (não intersubstituível com *fazer+isso*) e a ocorrência isolada do verbo anafórico *fazer*.

Discutiram-se diversas particularidades gramaticais destas construções. Para além da competição entre *fazer* e *fazer+o* (de que foi quantificada a frequência em *corpora* de texto jornalístico e de texto literário), foi destacada a especial complexidade dos processos de formação de cadeias referenciais com estas expressões, que implicam tipicamente um processo de “reconstrução do antecedente” a partir do material lexical realizado, e a grande flexibilidade na posição da anáfora relativamente à expressão referencialmente autónoma que permite interpretá-la (totalmente precedente, totalmente subsequente ou parcialmente precedente e parcialmente subsequente). Observou-se que as cadeias anafóricas implicam geralmente um contraste entre elementos da estrutura predicativa, que, quando são argumento internos podem ser (ou têm de ser) realizados com preposições próprias do verbo *fazer* (*a, com, em relação a*) na estrutura subordinada. Observou-se ainda as expressões verbais retomadas são SVs completos (despojados de informação temporo-aspetual) quando o contraste é entre sujeitos, situação extremamente frequente, e SVs com subtração das expressões contrastadas, quando o contraste é entre argumentos internos ou modificadores.

Finalmente, verificou-se que ocorrem com alguma frequência construções sentidas como algo marcadas do ponto de vista da sua gramaticalidade e/ou naturalidade, isto é, que as cadeias anafóricas com *fazer* constituem uma área crítica da língua (*sensu* Peres & Móia 1995), em que se observa forte variação linguística. Os casos mais notáveis são aqueles que envolvem associação de *fazer* a antecedentes que não integram verbos acionais em construções ativas.

Financiamento

Este trabalho foi financiado com verbas do projeto estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa UIDB/214/2025 (<https://doi.org/10.54499/UID/00214/2025>).

Referências

ALVES, A. T. **Sobre a localização temporal adverbial anafórica em português**. Tese de doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2002.

BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbos**. São Paulo: Editora Unesp, 2.^a ed., 1991.

BRESNAN, J. Syntax of the Comparative Construction in English. **Linguistic Inquiry**, 4.3, p. 275-345, 1973.

BRITO, A. M.; MATOS, G. Construções de graduação e comparação. *In*: MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M. ; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 5.^a ed., revista e aumentada, 2003, p. 729-766.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.

FERNANDES, F. **Dicionário de Verbos e Regimes**. Porto Alegre: Editora Globo, 37.^a ed., 1990 (1.^a ed., 1940).

HEIM, I. Degree Operators and Scope. *In*: JACKSON, B.; MATTHEWS, T. (ed.). **Proceedings of Semantics and Linguistic Theory 10**. Ithaca, New York: CLC Publications, 2000. p. 40-64.

HELLAN, L. **Towards an integrated analysis of comparatives**. Tübingen: Günter Narr Verlag, 1981.

KAMP, H.; REYLE, U. **From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory**. Dordrecht: Kluwer, 1993.

LOBO, M. Subordinação adverbial. *In*: RAPOSO, E. P. *et al.* (org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1979-2057.

MACHADO VIEIRA, M. **Sintaxe e semântica das predicções com verbo *fazer***. Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M. ; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 5.^a ed., revista e aumentada, 2003.

MENDES DE ALMEIDA, N. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Saraiva, 1999 (1.^a ed., 1943).

MÓIA, T. Variação e desvio em estruturas comparativas do português. *In: XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Selecionados* Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2015, p. 403-417.

MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERES, J. A.; MÓIA, T. **Áreas Críticas da Língua Portuguesa**. Lisboa, Editorial Caminho, 1995.

RAPOSO, E. P. *et al.* (orgs.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013 (volumes I e II) / 2020 (volume III).

REIS, M. C. F. **O verbo FAZER no Português do Brasil: da visão lexicalista a perspectivas cognitivo-funcionais**. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PEREIRA, A. R. **Sobre a expressão da conformidade e da semelhança no português**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014.

SOLÉ, Y. R. **Hacer: verbo funcional y lexical**. Tese de doutoramento, Georgetown University, 1966. (Michigan: Edwards Brothers Inc.).

Corpora consultados

[CETEMPúblico] Corpus CETEMPúblico 2.0 v. 12.6. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/ACDC/>. Acessado em: 30 dez. 2025.

[Corpus Brasileiro, Linguateca] Corpus Brasileiro v. 9.0. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/ACDC>. Acessado em: 30 dez. 2025.

[NILC/São Carlos] Corpus NILC/São Carlos v. 15.5. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/ACDC>. Acessado em: 30 dez. 2025.

[Vercial] Corpus Vercial v. 17.8. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/ACDC>. Acessado em: 30 dez. 2025.